

COMUNICAÇÃO



Esta seção analisa como as controvérsias e a inabilidade do governo vêm sendo retratadas na imprensa estrangeira e a visão dos grandes grupos da imprensa comercial brasileira sobre a relação de Bolsonaro com os interesses de sua base eleitoral, que prevalecem sobre o interesse geral da sociedade. Em redes sociais, foi observada a atuação do clã Bolsonaro no Twitter em defesa da reforma da Previdência.

Controvérsias do governo Bolsonaro

As páginas dos periódicos estrangeiros abordaram as controvérsias do governo Jair Bolsonaro da mesma forma como a imprensa tradicional brasileira vem fazendo nos últimos tempos. Os movimentos erráticos e as crises internas provocadas pela falta de preparo do presidente são assunto em todos os jornais.

O francês, *Le Monde*, por exemplo, informou que a reforma da Previdência estava travada pela falta de articulação política do governo. Já a afirmação de que o Holocausto seria perdoável, mas que jamais poderia ser esquecido, foi publicada em diversos jornais do exterior que, além de demonstrarem espanto com a declaração, deram espaço também para que a comunidade judaica criticasse Bolsonaro.

Infelizmente, os jornalões brasileiros e as emissoras de televisão não informam suas audiências sobre a forma como os jornais mundo a fora classificam o atual presidente do Brasil. Existem situações, como a já mencionada de Israel, em que o Jornal Nacio-

nal, por exemplo, informa que o fato foi abordado pela “imprensa internacional”, mas o que o telejornalismo não faz é detalhar a visão que tais veículos têm de Bolsonaro. Ele sempre é lembrado como uma figura controversa, como o Trump dos trópicos ou ainda como um político homofóbico, racista e de extrema-direita (nem essa última característica é mencionada no Brasil).

Com essas abordagens tão diferentes, não é difícil afirmar que o mundo continua a enxergar Jair Bolsonaro de uma forma completamente diferente da retratada pela imprensa brasileira e também da visão de uma grande parcela da população do país.

Pior para os brasileiros que estão longe de compreender qual é o caminho que o país deve percorrer se o governo obtiver sucesso na implementação de sua agenda política. Para os ingleses do *The Guardian*, por exemplo, está óbvio que haverá uma forte retirada de direitos, tal como aconteceu durante o governo de Margaret Thatcher.

A agenda neoliberal camuflada pelo discurso pseudo-nacionalista está bem evidente para os veículos europeus como um todo, mas no Brasil as propostas são tratadas pela mídia como se fizessem parte de um receituário novo, ainda não experimentado, e como se as consequências já não pudessem ser previstas.

É espantoso que, mesmo diante do caminho óbvio, exista uma enorme dificuldade de mostrar para grandes parcelas da sociedade brasileira que o país não vai passar a ser mais justo, que o custo de vida das classes médias não vai cair e que dificilmente os índices de violência vão melhorar, já que a desigualdade deve se acentuar. As mudanças interessam ao mercado financeiro, mas não muito à imprensa estrangeira. Afinal, o Brasil vem apenas perdendo importância no contexto geopolítico internacional, o que faz com que a quantidade de notícias sobre o país e o aprofundamento destas diminua.

A revista *The Economist*, defensora da agenda ultraliberal que o governo pretende aplicar no Brasil, tem mudado de posição ao longo do tempo. Ela criticou a política econômica do governo Dilma, mas também fez ressalvas sobre o processo de impeachment, um dos instrumentos do golpe de 2016. Depois, apoiou a agenda de Michel Temer e fez duras críticas ao candidato Jair Bolsonaro. Disse que ele representava um perigo para a democracia brasileira. Agora, a revista diz que a Operação Lava Jato passa por um momento crucial.

Após provocar a ascensão do Poder Judiciário como a esperança da sociedade brasileira, magistrados como Sergio Moro ficaram mais agressivos e menos cuidadosos. A *Economist* afirma que a Operação passou a adotar uma política de “os fins justificam os meios”. No entanto, a reportagem prefere manter esperanças em Sergio Moro. O texto diz que espera-se que ele possa dar à Lava Jato um desfecho diferente do que teve a italiana “Mãos Limpas”, que não foi capaz de diminuir a corrupção no país.

O ministro da Justiça foi lembrado também em reportagem da Al Jazeera sobre as manifestações em defesa da liberdade do ex-presidente Lula, quando sua prisão completou um ano. A publicação lembrou que Moro beneficiou diretamente Jair Bolsonaro com a condenação de Lula e, depois, tornou-se ministro da Justiça. Na época, a escolha de Moro foi

considerada “estranha” por boa parte da imprensa estrangeira. Muito diferente da grande mídia brasileira que não viu nada de errado com a ida de Moro para o Ministério. Ao contrário, fez elogios.

O tempo passa, mas o Brasil continua a sofrer com a barreira da informação que funciona há décadas e mantém a sociedade brasileira distante de perspectivas de países nos quais a democracia é mais desenvolvida. Em vez de colaborar para que o Brasil compreenda o que é progresso e retrocesso, a imprensa tradicional brasileira só gera confusão.

Clã Bolsonaro e a Previdência no Twitter

Durante os dias 11 e 18 de abril, foi observada a rede de menções à reforma da Previdência no Twitter. A partir disso, seis agrupamentos de destaque se formaram e serviram de base para analisar a atuação parlamentar, política e social no Twitter.

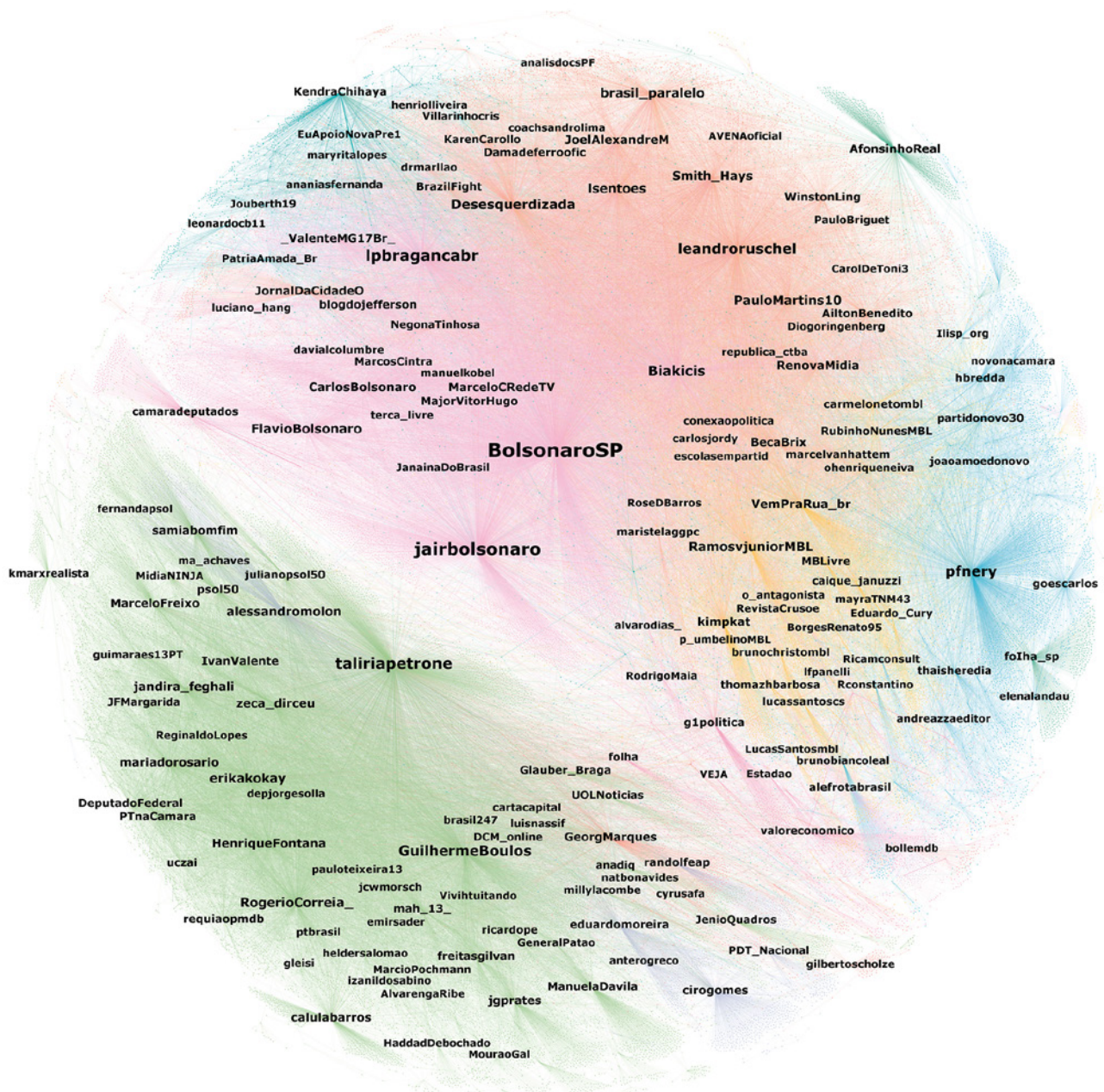
Diferente das semanas anteriores, o clã Bolsonaro passou a ter atuação decisiva em defesa da pauta. Se sobrepôs, durante o período, ao agrupamento do partido Novo e a movimentos como o MBL e o Vem Pra Rua, que até então lideravam a defesa do tema.

Movimentos como MBL e Vem Pra Rua têm sido constantemente atacados por alguns de seus apoiadores por sua posição. Aqui, a defesa da reforma, apresenta-se como uma fraqueza para esses movimentos.

Os presidentes do Senado e da Câmara apareceram de formas distintas: enquanto David Alcolumbre está no agrupamento do clã Bolsonaro, Rodrigo Maia surge entre o agrupamento de imprensa e os progressistas, mostrando assim talvez pouca “efetividade” na defesa da reforma.

O agrupamento de esquerda progressista se apresentou coeso e fortemente conectado. No entanto, acabou por dialogar com poucos usuários para além de seus próprios, com exceção de Molon, Ciro Gomes e do PDT, que acabaram por dialogar com um agrupamento específico. Destaque para a proximidade da imprensa tradicional em relação ao agrupamento progressista.

A seguir, foram mapeados os agrupamentos encontrados a partir do processo de modularização:



28,97%: Destaque para perfis de parlamentares de esquerda: Talíria Petrone, Rogério Correia, Érika Kokay, Zeca Dirceu, Jandira Feghali, Henrique Fontana, Maria do Rosário, entre outros. Participação significativa também de perfis como Boulos, PT na Câmara e imprensa tradicional com UOL e progressista como Carta Capital, Brasil 247 e DCM. Formam, aqui, um grande agrupamento com significativa coesão, com exceção de Antero Greco, Molon e Ciro Gomes, que acabam próximos ao PDT Nacional, e Randolfe, dialogando com agrupamentos específicos.

18,84%: Formado pelo clã Bolsonaro: BolsonaroSP, Jair Bolsonaro, Flávio e Carlos. Forte participação de Bia Kicis. Apresenta alguns dos usuários históricos de seu agrupamento: Hang, Alcolumbre, Janaína Paschoal, Álvaro Dias e Terça Livre. Apresenta-se como um cluster “institucional em defesa da reforma da Previdência.

16,16%: É o agrupamento responsável pelos ataques diretos àqueles contrários a reforma da Previdência. Espalham notícias falsas e fazem ataques diretos. Aqui estão perfis como Leandro Ruschel,

Desesquerdizada, Brasil Paralelo, Isentões, Paulo Marins, Renova Brasil, República de Curitiba, entre outros. Alto volume de perfis falsos.

9,2%: Esse agrupamento já foi o principal em defesa da reforma, hoje foi sobreposto pela atuação do clã Bolsonaro. É o cluster do partido Novo, João Amoedo e do ILISP. Conta ainda com forte atuação de Rodrigo Constantino, Novo na Câmara e João Amoedo.

7,53%: Agrupamento de movimentos - enfraquecido no Twitter e aparecendo com engajamento abaixo da média, conectando o Novo ao cluster institucional do clã Bolsonaro. Apresenta, com destaque, os perfis Vem Pra Rua, Kim Kataguirí, MBL e seus parlamentares. Outros canais de imprensa tradicional se posicionam entre o MBL e o agrupamento progressista, como Veja, Folha, G1, Estadão e Valor Econômico. Aqui está Rodrigo Maia.

2,88%: Alguns perfis não muito conhecidos, como Kendra Chihaya e PatriaAmada_BR. atacam o cenário no Congresso.

Bolsonaro e o preço do diesel

O aumento do preço do diesel e o recuo de Bolsonaro para atender caminhoneiros foi abordado em editoriais dos três grandes grupos da imprensa comercial, que classificaram a postura do presidente como um retrocesso e sinônimo de fraqueza. O tema foi um dos que mais motivou críticas da mídia tradicional e promete trazer mais desgaste ao presidente, diante das ameaças de greve da categoria e da falta de perspectiva de crescimento econômico.

A *Folha de S.Paulo* foi a mais ácida ao atribuir à ação do presidente motivações oportunistas e demagógicas que já haviam sido identificadas no governo de Michel Temer e prejudicaram o crescimento econômico. No editorial “Ouvido na pista”, publicado em 18 de abril, o jornal afirma que “por fraqueza política, num caso, ou alinhamento oportunista, no outro, a cumplicidade dos presidentes contribui para o sequestro da razão, econômica ou política.”

E critica o tratamento oferecido a Wallace Landim, ou Chorão, que teve portas abertas para levar suas reivindicações à Casa Civil do ministro Onyx Lorenzoni, o que não aconteceu com outros movimentos

sindicais ou sociais. O texto conclui que “controles de preços desorganizam o mercado, desorientam investimentos, criam incerteza e ineficiência” e critica a intervenção ocorrida, já que o projeto atual é vender estatais no setor de energia e combustíveis.

A *Folha* publicou ainda a reportagem “Frustração precoce com gestão Bolsonaro retarda retomada da economia”, em 22 de abril, na qual afirma que o otimismo que deu o tom na virada do ano se reverte profunda e rapidamente. E critica os sinais de fraqueza dados pelo governo recém-empossado. O tom geral da matéria é que todas as incertezas provocadas por episódios como o aumento e recuo no preço do diesel e as indefinições na reforma da Previdência causam receios aos investidores.

O *Globo* rememorou em seu editorial de 18 de abril que Jair Bolsonaro apoiou a greve dos caminhoneiros quando era candidato, no ano passado, e apesar de todos os meses que teve para estudar alternativas, debatê-las com o setor e propor saídas viáveis nada fez a respeito. O jornal afirma que a intervenção de Bolsonaro produziu uma crise de confiança e sinaliza “retrocesso à política dos governos Lula e Dilma, quando os preços da Petrobras eram arbitrados na mesa presidencial.” E conclui que as benesses esperadas pelos caminhoneiros, apoiadores de Bolsonaro, são inexecutáveis do ponto de vista orçamentário, causando um problema que deve ser resolvido em curto prazo pelo governo.

Já o *Estadão* afirmou em seu editorial de 16 de abril que na condição de presidente da República Bolsonaro continua a agir como se fosse representante dos interesses de uma categoria profissional, em detrimento dos interesses dos demais brasileiros. “O episódio do reajuste do diesel pela Petrobras é um indicativo do quão longe o presidente Bolsonaro pretende ir para preservar o que julga ser seu capital eleitoral.” E conclui: “diante do rápido derretimento de sua popularidade, Bolsonaro aparentemente passou a se dedicar com mais afinco a cultivar seu eleitorado fiel, entre os quais julga estarem os caminhoneiros. O problema é que, ao premiar com ‘carinho’ a truculência dos líderes daquela categoria, o presidente sinaliza que está vulnerável a todo tipo de pressão, especialmente daqueles que julgam estar na base eleitoral de Bolsonaro.”